

Do sujeito como ator e protagonista da ação

João Gomes
Instituto Politécnico de Bragança

“As palavras não mudam a realidade. Mas ajudam-nos a pensar, a conversar, a tomar consciência. E a consciência, essa sim, pode mudar a realidade.”

António Nóvoa (2012)

A obra de Augusto Boal tem uma dimensão alargada e diversificada de intervenção, que consideramos necessário situar, procurando referenciar o seu percurso com destaque para três domínios em particular que se nos afiguram essenciais: as práticas de teatro popular e a sua relação como trabalho de Paulo Freire; as relações com o psicodrama e o jogo como prática de formação.

A realidade dos dias de hoje traz-nos à memória o que julgávamos ultrapassado. Emerge por isso, com particular atualidade, a necessidade de olharmos à nossa volta com um sentido crítico mais apurado que nos permita responder, sobretudo agir, às limitações do tempo presente. E é precisamente de agir que se trata quando falamos de Freire e Boal, dessa consciência do sujeito como ator e protagonista da ação.

O Teatro do Oprimido (TO), a par da Pedagogia do Oprimido (PO), são um exemplo dessa dimensão crítica da intervenção social, tendo como referência o trabalho desenvolvido por ambos no final dos anos 50 e início da década de sessenta no Brasil. Freire exercerá uma influência determinante nessa altura com o seu método de alfabetização, em que o conhecimento aparece associado ao desenvolvimento da consciência crítica da realidade, pois só “existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente e permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” (Freire 1987: 33).

A educação assume neste processo a sua natureza essencialmente política tendo como base um diálogo permanente entre educadores e educandos, num processo de mútua aprendizagem do significado da realidade, problematizando-a, através da observação-reflexão que se orienta para a ação e transformação social, num todo que se identifica como «conscientização».

A PO é sobretudo uma preparação para a autonomia dos envolvidos, de democratização de processos que rejeitam a educação tradicional, ao considerar o homem como objeto e não como sujeito, considerando-o única e exclusivamente como recetor e repetidor de métodos que inibem a sua capacidade criadora e se afastam “(...) do anseio de busca do direito de ser.” (Freire 1987: 24).

O trabalho desenvolvido sensivelmente na mesma altura por Boal, no Teatro Arena de São Paulo desde 1956, abalado pela instauração do regime militar em 1964 e definitivamente impedindo de exercer a sua atividade com o aumento da repressão em 1968, foi posteriormente inserido noutros contextos da América Latina adotando a designação de teatro popular.

Para Boal (1977) o TO é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem. O seu trabalho baseia-se na criação de condições para que o indivíduo, descobrindo o ator que existe em si, se prepare para agir e transformar, utilizando a